

EDITORIAL

Falando de vida

É da vida que estamos falando. Sim, da vida de pessoas que caminham, que amam, - ou desamam -, que adoecem, - vivem ou morrem. Pessoas que, em sua diversidade de existir, amar, viver, sofrer, andar, morar, carecem ser conhecidas.

Conhecimento que permite superar a intolerância e o fundamentalismo que tem na via única o alicerce que produz o preconceito, a violência, a tirania. Conhecer que escancara a caleidoscópica riqueza e encantamento da experiência humana, em suas várias tonalidades e formas. Conhecer que escancara portas, destrava taramelas, desferruja posturas e modos de ver o mundo e nele se situar, não como epicentro, mas um entre tantos e incontáveis fragmentos que gravitam em torno desta grande aventura que é a vida e a experiência humana no planeta terra.

E como conhecemos? Ora, pesquisando, inquirindo, analisando, ponderando dados, informações, contextos, cenários. Pesquisa que, seguindo princípios éticos, sobretudo, de uma ética da vida, descortina recônditos que, historicamente, estão ofuscados pelo preconceito por não se amoldar a esta via de mão única. Uma via que define, culturalmente, a heteronormatividade como única possibilidade aceitável de exercício e vivência da sexualidade, do prazer, do amar.

E, como, então, vamos encontrar aqueles e aquelas que destoam, ou desviam desta rota? Como vamos nos relacionar, quando tratamos da doença, e da saúde, com os transgêneros, com os homossexuais (gays, lésbicas)? Como os serviços de saúde, envolvendo não apenas o aparato físico, material, mas também, os profissionais, vivem, convivem, se relacionam e exercitam estas realidades?

A pesquisa, ou seja, o conhecimento é a chave também para entendermos como os equipamentos legais instituídos pelos homens, embora essenciais, não são suficientes para alterar comportamentos, transformar concepções, determinar condutas. Somente a pesquisa vai nos revelar como um instrumento legal, como a Lei Maria da Penha, é vivenciado no cotidiano de vítimas, agressores, polícia, justiça. Conhecendo, investigando, analisando, tematizando essa questão é que vão sendo inventadas e reinventadas as possibilidades e alternativas de tornar esses equipamentos mais abrangentes, socialmente mais utilizados e política e culturalmente mais praticados como trilha de construção da humanidade em sua pluralidade.

Pesquisar é se apropriar das formas como os homens moram, caminham, interagem entre si e com o meio que o circunda. Pesquisar é conhecer não somente estes engenhos, mas, sobretudo, identificar, analisar quais entraves são inventados pelos homens para facilitar ou emperrar a vivência humana. Como o mero ato de caminhar, na atualidade, sobretudo, em nossas cidades, se traduz num exercício de penúria e esforço quando observamos os desníveis de ruas e calçadas, os obstáculos de construções, a concorrência de automóveis e outros veículos, transformando a singeleza do simples caminhar numa aventura que, com recorrência, se constitui numa ameaça a vida.

Vida que, como objeto de pesquisa, traz para o debate a discussão sobre o que é o viver. Apenas o ato de respirar quando toda a engrenagem física já padece e se transfigura por decorrência do adoecimento que antecipa o fim da existência. Ou vida pode ser também a decisão dos pacientes terminais em deliberar sobre quais procedimentos, quais drogas, quais terapias consideram aceitáveis para o percurso final.

Portanto, é de vida que falamos quando pesquisamos nosso caminhar, as estrelas e cometas, o aquecimento global, o amor, o sexo, a sexualidade. Enfim, nós como superiores seres que, com assiduidade, nos convertemos em minguidos indivíduos guiados por interesses toscos e, sobretudo, desumanos. É como nos ensina o poeta baiano Gilberto Gil:

É como se o livro dos tempos pudesse
Ser lido trás pra frente, frente pra trás
Vem a História, escreve um capítulo
Cujo título pode ser "Nunca Mais"
Vem o tempo e elege outra história, que escreve
Outra parte, que se chama "Nunca É Demais"
"Nunca Mais", "Nunca É Demais", "Nunca Mais"
"Nunca É Demais", e assim por diante, tanto faz
Indiferente se o livro é lido
De trás pra frente ou lido de frente pra trás.¹

Dra. Mariana Moreira Neto

Doutora em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Docente do Departamento de Ciências Sociais, da Universidade Federal de Campina Grande – Campus Cajazeiras.

¹ Gilberto Gil: O Fim da História, Parabolicamará.